

REFLEXÕES SOBRE *A PEDRA DO REINO*: AS REMINISCÊNCIAS DO NACIONAL E A COMUNICAÇÃO POPULAR A PARTIR DO SERTÃO NORDESTINO¹

Emanuella Leite Rodrigues de Moraes²

Resumo: Este trabalho, que tem como corpus empírico a microssérie televisiva *A Pedra do Reino*, adaptada da obra de Ariano Suassuna – *Romance d’A pedra do reino e o príncipe do Sangue do Vai-e-Volta* – e dirigida por Luiz Fernando Carvalho, se destina a analisar a construção de uma narrativa da nacionalidade a partir do sertão nordestino, representado na trama do produto audiovisual pelas histórias e pelos casos, ora fictícios, ora realistas, que se passam na cidade de Taperoá, Paraíba. As imagens temáticas que compõem as crenças e as reflexões do território nordestino possibilitam discutir e (re)memorar o território brasileiro, suas origens e suas dissidências. Nesse ambiente, essas imagens se desenrolam e se expressam na voz do povo nordestino, que busca tanto a renovação da identidade nacional como a comunicação de sua própria cultura.

Palavras-chave: A Pedra do Reino; cultura; nacional; popular; Nordeste.

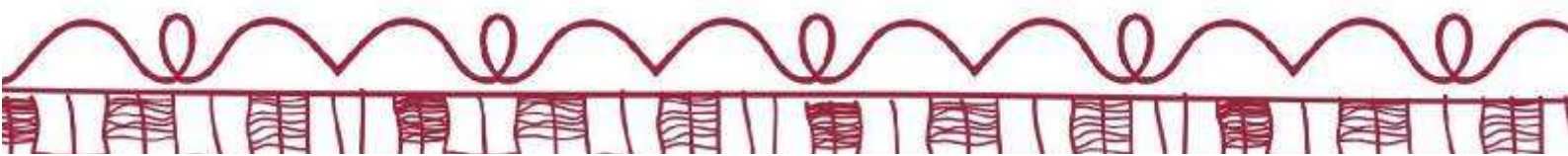
A Pedra do Reino é uma microssérie, de cinco episódios, que foi dirigida por Luiz Fernando Carvalho e exibida na Rede Globo em 2007. Trata-se de uma adaptação literária para a televisão, da obra armorial³ do escritor paraibano Ariano Suassuna – *Romance d’A pedra do reino e o príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*, romance este consideravelmente inspirado pelas vivências do autor na sua cidade natal, Taperoá, sertão da Paraíba, apesar da presença notável de boas doses de ficção na obra. O produto audiovisual, baseado no livro de Suassuna, trouxe à tona um emblemático conjunto de imagens e de temas da cultura nordestina. A microssérie, porém, longe de ser uma criação excepcionalmente regionalista, elevou o povo nordestino a condição exímia de povo brasileiro: no sertão nordestino estão as verdadeiras raízes do Brasil.

No produto televisivo, os temas e as imagens da cultura nordestina são marcados por um forte sentimento nacionalista que constituiu o clima da Vila da Pedra do Reino,

¹ Trabalho submetido ao VI Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (VI ENECULT).

² Emanuella Leite Rodrigues de Moraes, mestranda do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia. E-mail: emanurodrigues@hotmail.com.

³ Ariano Suassuna fundou na cidade de Recife, em 1970, um dos mais importantes movimentos da cultura brasileira: O Movimento Armorial, que “abençoou” o seu estilo literário. Este movimento apresentou duas preocupações fundamentais: em primeiro plano, lutar contra a descaracterização da cultura brasileira, integrando os mais diversos artistas; e, em segundo plano, procurar uma arte erudita brasileira, baseada nas raízes populares da cultura.



simbolizada na trama pelo sertão paraibano de Taperoá. O protagonista da microssérie, Dom Pedro Dinis Ferreira Quaderna, especialmente, questiona e desperta reflexões acerca do território nacional.

[...] Quaderna tem momentos em que se sente um estrangeiro em relação à moral estagnada daquela Taperoá, que, por sua vez, assume o papel de um microcosmo do Brasil. As idéias do personagem expõem as máscaras do pseudopoder, do falso intelectualismo e tudo o mais, transformando o seu discurso em uma metáfora política revolucionária.⁴

Dentro do enredo da microssérie, Quaderna faz questão de proclamar diante de todos sua descendência nobre, tendo vindo de uma família de reis que governaram o Brasil. Ele sente orgulho dessa descendência, vista como atributo para torná-lo soberano de um reino – o reino brasileiro. O que fica evidente em uma fala do protagonista dentro da microssérie: “Eu, Dom Pedro Dinis Ferreira Quaderna, sou o mesmo Dom Pedro IV, o decifrador, rei do quinto império e do quinto naipe, profeta da igreja católica, o sertanejo e pretendente ao trono do império do Brasil”.⁵ Quaderna utiliza a história da monarquia brasileira para comprovar a sua teoria de que ele é herdeiro do trono do Brasil. Nomes e descrições de reis que fizeram parte da trajetória política nacional são citados por ele. Por este aspecto, entre outros a serem retomados adiante, a microssérie permite o cruzamento entre a cultura regional e a cultura nacional. Em uma das cenas da microssérie o professor Clemente, em cima de um palco a céu aberto na vila de Taperoá, dá aula para seus alunos incitando às reflexões sobre as heranças que se cristalizaram na cultura nordestina e que fazem parte da história nacional. Como se pode verificar no trecho enunciado pelo professor: “Mas que cultura foi essa que os portugueses e espanhóis nos trouxeram? A cultura renascentista da Europa em decadência, a supremacia da raça branca e o culto da propriedade privada?”.⁶ Nessa linha, Canclini⁷ atenta para a questão de que as práticas populares procuram a renovação ritual da identidade nacional.

⁴ CARVALHO, Luiz Fernando. Saga nordestina: inspirada em romance de Ariano Suassuna e gravada na Paraíba, a microssérie “A pedra do reino” busca radiografar a identidade brasileira a partir de mitos do sertão e símbolos de nobreza. *Entrevista à revista Bravo*. São Paulo, n.117, 42-53, Ano 10, Maio de 2007.

⁵ Episódio II da microssérie *A Pedra do Reino*. Via DVD.

⁶ Episódio I da microssérie *A Pedra do Reino*. Via DVD.

⁷ CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: USP, 1998, p.113.

Em *A Pedra do Reino* a busca da identidade do sertão nordestino, expressa pelos comportamentos e enunciados do seu povo, confunde-se, muitas vezes, com a busca da identidade brasileira. No enredo da microssérie, há uma cena de embate travado entre os professores Clemente e Samuel para tentar afirmar, com a vitória de um deles, o perfil “ideal” para o país, que constituirá o perfil “ideal” para a vila de Taperoá. Samuel, por um lado, se posiciona “pelo Brasil negro, tapuia e socialista e pela revolução sertaneja do povo brasileiro”⁸, Clemente, por outro, se manifesta “pelo Brasil católico, fidalgo, cruzado [...]”⁹.

Ortiz¹⁰ assinala que dois elementos imprescindíveis para a construção da identidade brasileira são o nacional e o popular, elementos que, como observados na trama de *A Pedra do Reino*, constituem o imaginário do povo nordestino. Além do que, para construção da identidade brasileira, dentro da microssérie, “procura-se [...] descobrir os defeitos e vicissitudes do homem nordestino (ou da sub-raça nordestina) vinculando-os necessariamente às dificuldades e facilidades que teria encontrado junto ao meio ambiente”. Assim, dentro da trama da microssérie, um diálogo entre os personagens Adalberto e Arésio revela as percepções e as distorções identitárias adquiridas por eles a partir da vila sertaneja em que habitam, Taperoá, fração do Brasil:

Adalberto: Eu sei disso. Não me envergonho de dizer que não tenho as qualidades que você tem e que serão indispensáveis quando chegar a hora de vingar todos os escorraçados, fazendo justiça aos oprimidos.

Arésio: E quem meteu na sua cabeça que eu quero fazer justiça aos escorraçados?

Adalberto: Eu sei que você é solidário aos escorraçados, porque você mesmo é um escorraçado como eu. [...].

Adalberto: O Brasil só será uma nação quando acabar com a separação entre brancos ricos e negros pobres. Tornando-nos todos nós orgulhosamente negros, vermelhos e brasileiros.

Arésio: Cuidado com os mestres e senhores que ocupam a cúpula do seu partido, pode ser que eles não apoiem suas idéias e podem entregar sua cabeça a policia. Teriam um mártir e se livrariam de um correligionário perigoso.

Adalberto: Eu não tenho mestres nem senhores, Arésio. E quanto a minha cabeça não me incomoda se a cortarem, quem sabe assim minha família queira vingar minha morte, nem que se seja por espírito de vingança sertaneja.

Arésio: [...] A questão não é justiça, é poder. Por enquanto só existem dois tipos de governos: o dos opressores do povo e o dos exploradores do povo. O primeiro é o dos tiranos, o segundo é o dos comerciantes. No primeiro tipo o povo é submetido e esmagado em nome da

⁸ Episódio III da microssérie *A Pedra do Reino*. Via DVD.

⁹ Episódio III da microssérie *A Pedra do Reino*. Via DVD.

¹⁰ ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.18.

grandeza. No segundo é explorado em nome da liberdade. Aliás, eu não sou guiado por idéias e por sonhos, eu sou guiado pelo sangue.¹¹

Na microssérie os símbolos da cultura nordestina, tais como o da justiça, expressa por Adalberto, e o da degeneração social, expressa pelo Arésio, ao invés de serem desnacionalizadores, dão impulso e formam um repertório de elementos para a construção da identidade nacional.¹² Quaderna, pontuando outro exemplo, utiliza o símbolo da nobreza real, herdada das suas raízes familiares nordestinas, para desejar ser partícipe do desenvolvimento do sertão e da nação brasileira. Ele anuncia: “O que eu queria mesmo era ser imperador do sertão e do Brasil, para me tornar o gênio da raça brasileira”.¹³ O personagem considera que a identidade do “gênio da raça brasileira” é não perder de vista o seu sertão, e, também, integrar-se à construção do território nacional.

Numa outra vertente, em *A Pedra do Reino* dá-se a existência de processos simbólicos que reúnem e comunicam entre si elementos da cultura nordestina (popular) e da cultura nacional (cult). Em algumas passagens da microssérie, Quaderna relembra os poetas cultos que marcaram a história artística do Brasil, como Oswald de Andrade, para tomar como inspiração na composição das suas poesias de teor regionalista do Nordeste. Na última cena da microssérie, o personagem devaneia que o poeta Oswald de Andrade veio até a vila de Taperoá para homenageá-lo como romancista e poeta sertanejo que narra as epopéias do Brasil. Nesse aspecto, “as diferenças entre culturas e entre ‘classes’ se conciliam no encontro da arte culta com os espectadores populares”.¹⁴ Quaderna deseja reunir em uma “suposta” obra suas memórias populares e as produções cultas do país. Em depoimento ao juiz corregedor o protagonista assinala o chamado da brasilidade erudita na sua desejada obra:

Diacevastas foram os eruditos que recolheram os cantos, as histórias dos raps ou dos gregos e fizeram a *Ilíada* e a *Odisséia*, obras nacionais daquele povo, ladrões de cavalo, ladrões de bode e vaqueiros, que são os gregos. Eu pretendo colecionar na minha obra os cantos de todos os nossos poetas e romancistas, e posso me considerar o diacevasta do Brasil.¹⁵

¹¹ Episódio V da microssérie *A Pedra do Reino*. Via DVD.

¹² CANCLINI, Nestór Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: USP, 1998, p. 81.

¹³ Episódio IV da microssérie *A Pedra do Reino*. Via DVD.

¹⁴ CANCLINI, Nestór Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: USP, 1998, p. 104.

¹⁵ Episódio III da microssérie *A Pedra do Reino*. Via DVD.

Ortiz¹⁶ salienta que o nacional se define com a conservação “daquilo que é nosso”, isto é, a memória nacional se constitui como prolongamento da memória coletiva popular. No caso da microssérie, a identidade nacional tem fortes ligações com a memória coletiva nordestina, uma vez que os nordestinos são “os mais brasileiros pela conduta do que qualquer outro tipo regional”.¹⁷ Em *A Pedra do Reino* a história de Taperoá é marcada pela história do Brasil, quer dizer, os acontecimentos vividos pelo país também foram vividos, sentidos e refletidos nos nordestinos de Taperoá, tal como enuncia Quaderna:

Era tenso e carregado o ambiente político que estávamos vivendo. A Revolução de 30, a Revolução do Comunismo em 35, O Golpe do Estado Novo em 37, assim tudo estava decidido para quando chegasse o momento. Nossa Vila de Taperoá estava subvertida por ódios, ressentimentos, ambições e invejas, endoidecida por um ambiente inquisitorial. Estávamos nesse ambiente [...].¹⁸

Barbero¹⁹ atenta para a questão de que se vive, recentemente, sob uma descentralização das culturas, com a emergência de uma experiência cultural nova, mais plural, heterogênea e fragmentada. Assim, “[...] há um poderoso movimento de integração – entendida como superação de barreiras e dissolução de fronteiras [...]” entre a cultura nacional e a cultura regional dentro da microssérie. É possível perceber, por exemplo, que contar a história do imaginário nordestino implica em contar uma parte da história do país. Como faz o personagem Samuel (filósofo) em um de seus enunciados:

Em 1578, aportou em Olinda o misterioso e jovem fidalgo, Dom Sebastião Barreto, que é a origem de sua família. Esse fidalgo era o próprio rei Dom Sebastião, que escapara a morte na batalha contra os mouros e viera ao Brasil incógnito, disposto a recuperar aqui, numa nova fase guerreira e mística, sua honra de soldado e rei. Resolvi dedicar parte de minha vida sobre esta que afirmo é a mais bela e heráldica legenda familiar do Nordeste, a família Garcia-Barreto.²⁰

¹⁶ ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.131.

¹⁷ ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.102.

¹⁸ Episódio III da microssérie *A Pedra do Reino*. Via DVD.

¹⁹ BARBERO, J. Martín; REY, Germán. *Os exercícios do ver*: hegemonia audiovisual e ficção televisiva. São Paulo: SENAC, 2001.

²⁰ Episódio II da microssérie *A Pedra do Reino*. Via DVD.

Na microssérie, por vezes, são narrados “casos” do rei Dom Sebastião, associando-os aos acontecimentos lendários. Esses acontecimentos defrontam-se com o sagrado e sobrenatural. Em uma cena de *A Pedra do Reino*, o professor Clemente conta para seus alunos a lenda de uma mãe que prometeu uma saga ao filho em troca de que Dom Sebastião, ou São Sebastião, o salvasse da peste.

Mãe: Santo guerreiro, flechado por seus companheiros a mando do rei tirano, salva o meu filho da peste. Salvai-o do desengano e prometo que ele e os frutos dele por todos os futuros anos carregarão vosso santo nome: Sebastião.

Professor: As coincidências criam as lendas. Dizem que depois dessa promessa, feita no século XVI, todo Garcia-Barreto, homem, que não recebeu o nome de Dom Sebastião, morreu de peste. E todo que teve Sebastião no nome morreu crivado de flechas, tal e qual São Sebastião.²¹

A história de Dom Sebastião é considerada em Taperoá uma história sagrada, acompanhada de um poder mágico-religioso. Ela narra um acontecimento primordial que deu origem as sagas sebastianas dos Garcia-Barreto. Trata-se da narração de caráter místico, em que um fato é (re)trabalhado ou mesmo criado pela imaginação do povo. Nesse sentido, a lenda, integrada ao gênero da ficção, da fábula ou do conto, se transforma em uma tradição popular.

O conto popular é uma das melhores formas de controle social. Costumam passar de uma geração a outra, alternadamente, tipo: avô-neto ou, então, por alguém de habilidade reconhecida por um grupo. Assim temos contadores de fatos ou “ocorridos” que se tornam muito conhecidos em seu meio.²²

Em *A Pedra do Reino* o professor Clemente é o contador do caso popular das descendências dos Garcia-Barreto, transmitindo este fato para outras gerações de Taperoá. Aqui, verifica-se a importância do líder de opinião na comunicação popular. De acordo com Luyten²³ no processo comunicativo todos os grupos sociais possuem um ou mais líderes de opinião:

²¹ Episódio II da microssérie *A Pedra do Reino*. Via DVD.

²² LUYTEN, Joseph. *Sistemas de comunicação popular*. São Paulo: Ática, 1988, p.16.

²³ LUYTEN, Joseph. *Sistemas de comunicação popular*. São Paulo: Ática, 1988, p. 9-10.

Entre o comunicador e o receptor de mensagens, costuma haver uma outra pessoa que poderá ou não estar presente no momento em que se dá a comunicação. Chamamos a esta pessoa de *líder de opinião* e a sua função é a de dar prestígio ou credibilidade a um determinado comunicador ou assunto.

A função de professor, ocupada pelo personagem Clemente, concede a ele uma posição intermediária e significativamente influente na sociedade local de Taperoá, que o permite exercer o papel de um líder de opinião dentro da sua classe de alunos. Esses alunos recebem a nova informação da tradição sebastiana dos Garcia-Barreto com maior facilidade, uma vez que foram transmitidas e reforçadas por um sujeito com credibilidade. A mensagem do professor chega até seus alunos, o que pode ser verificado através de uma resposta²⁴: um dos alunos da classe é neto da família Garcia-Barreto, este aluno se levanta, anuncia a todos sua descendência e diz não temer a saga sebastiana de sua família.

O personagem Quaderna, por sua vez, dentro do enredo de *A Pedra do Reino* também se comporta, em diversas passagens, como um líder de opinião. A história da microssérie se inicia com ele já velho em cima de uma carroça, parada na praça de Taperoá, onde Quaderna é visto como profeta e romancista popular, que leva ao povo os casos e acontecimentos que marcaram a vila. Em cima de sua carroça, vista por ele como um palco circense que aclimata a sua fala no “maravilhoso” e “encantado” ambiente, ele tanto se anuncia como comunicador (líder de opinião) quanto como romancista de casos fabulescos ocorridas em Taperoá:

Nobres senhores e belas damas, de peitos brandos, eu sonhava em me tornar dono de circo. O circo era o jeito que eu tinha de transformar toda essa literatura, todo esse teatro de rua, em literatura de estrada. Uma literatura cavaleira e epopéica, que nos tornasse, a todos nós, heróis errantes pelas estradas e catengas do sertão. Deixe que eu os conduza aos descaminhos das minhas lembranças, as ruas empoeiradas, que em 1935 testemunharam o misterioso sonho da ressurreição de um antigo e esperado rei. [...] ²⁵

A apresentação oral, que marca a ação cultural de Quaderna ao longo de quase toda a microssérie, é definida por Luyten como uma das formas de apresentar a comunicação popular.²⁶ Desse modo, o uso da oralidade é recorrente no personagem, por ser esta uma forma, um meio ou um veículo de manifestar seu pensamento. A vila

²⁴ LUYTEN, Joseph. *Sistemas de comunicação popular*. São Paulo: Ática, 1988, p.10.

²⁵ Episódio IV da microssérie *A Pedra do Reino*. Via DVD.

²⁶ LUYTEN, Joseph. *Sistemas de comunicação popular*. São Paulo: Ática, 1988, p.9.

de Taperoá tem o aspecto de uma região marcadamente rude, tardia e rural do interior do país, que se utiliza de meios próprios de expressão cultural.

Não há melhor laboratório para a observação do fenômeno comunicacional do que a região. Uma região é o palco em que, por excelência, se definem os diferentes sistemas de comunicação cultural, isto é, do processo humano de intercâmbio de idéias, informações e sentimentos, mediante a utilização de linguagens verbais e não-verbais e de canais naturais e artificiais empregados para a obtenção daquela soma de conhecimentos e experiências necessárias à promoção da convivência ordenada e do bem-estar coletivo.²⁷

Nesse sentido, observar a região nordestina, representada na microssérie, especialmente a ação oral do personagem Quaderna, é se deparar com a folkcomunicação em sua definição primordial, quando estuda os processos comunicacionais associados ao folclore.²⁸ É fundamental esclarecer que esse folclore é constituído por um conjunto de bens e formas culturais tradicionais, principalmente de caráter oral.²⁹

Nessa perspectiva, a partir do terceiro episódio de *A pedra do reino*, Quaderna é convocado pelo novo juiz corregedor, recém-chegado a Taperoá, para prestar depoimento. O juiz recebeu uma carta anônima que acusava Quaderna de profetizar casos na vila sertaneja. Na verdade, o próprio personagem enviou a carta, a fim de comunicar oralmente as histórias e os casos da vila, que ele pretendia reunir em um romance sertanejo. No depoimento, suas narrações seriam registradas pela escritã Margarida, o que já seria a base para o seu romance. Ele é o elemento criador das expressões folclóricas dentro da microssérie. O primeiro caso, narrado por Quaderna ao juiz, referente a uma cavalgada que aconteceu na vila, foi “enfeitado” pela dose folclórica da poesia de estilo régio³⁰ do personagem:

Quaderna: Infelizmente, porém, senhor corregedor, eu tenho que pedir a toda esta gente que se mobilize a inexatidão imortal e importância fundamental do que estava acontecendo ali.

Corregedor: O que é?

²⁷ BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação: teoria e metodologia*. São Bernardo do Campo: Umesp, 2004, p.57.

²⁸ BENJAMIN, Roberto. *Folkcomunicação na sociedade contemporânea*. Porto Alegre: Comissão Gaúcha de Folclore, 2004, p.11.

²⁹ CANCLINI, Nestór Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: USP, 1998, p.213.

³⁰ O estilo régio, formulado por Ariano Suassuna, é uma síntese literária que pretende reunir numa única obra referências eruditas, políticas, intelectuais e populares.

Quaderna: A cavalgada. Não vou descrever com pormenores, pois o senhor já conhece meu estilo régio. Basta que diga que era composta quase toda por ciganos vestidos de gibões medalhados e cravejados, onças, veados, gaviões, bandeiras.

Corregedor: É verdade, tudo isso, todas essas onças e esses acontecimentos estranhos? Tudo isso é verdade ou é estilo régio?

Quaderna: Bem se o senhor quiser pode imaginar somente uns cavalos pequeno, magro, feio. Uma porção de gente suja, magra, faminta e empoeirada, arrastando pela estrada uma porção de velhos animais de circo. Para mim, porém, somente o facho sagrado da poesia régia é capaz de dar a medida daquele evento extraordinário de caráter epopéico.³¹

Com base na passagem acima, é possível verificar que Quaderna utiliza da poesia régia para tornar a “realidade” de Taperoá mais palatável. O folclore, detectado na utilização da poesia régia, portanto, é utilizado com fins de contestação: o personagem não aceita a realidade oficial, sendo mais conveniente recriá-la. Trata-se, portanto, da “cultura das classes subalternas com função contestadora”.³² Quaderna deseja inserir no mundo sertanejo, tomando ainda o caso narrado da cavalgada, uma dose de realismo mágico, capaz de aproximar as cavalgadas populares das gloriosas cavalgadas das classes abastadas.

Dentro da expressão folclórica contestadora, é possível identificar que Quaderna faz parte dos grupos culturalmente marginais, categoria definida por Luiz Beltrão³³ como constituída “de indivíduos marginalizados por contestação à cultura e organização social estabelecida, em razão de adotarem filosofia e/ou política contraposta a idéias e práticas generalizadas da comunidade”. Na microssérie, há um diálogo entre o protagonista Quaderna e o personagem Pedro Beato, que pontua a postura contestadora do primeiro:

Pedro Beato: Dinis, estão dizendo na rua que você vai ser processado pelo Juiz Novo que chegou. É verdade?

Quaderna: É verdade, Pedro, me denunciaram ao Juiz Corregedor pra me liquidar.

Pedro Beato: Assim é o mundo, mas para mim tudo isso que lhe aconteceu vem de muito antes. Tudo é a maldita questão de honra, Dinis. Porque que você vive inventando essas histórias de Imperador do Divino? Vestindo-se de rei, andando a cavalo pela rua, de mantos nas costas e coroa na cabeça.

Quaderna: Mas que mal faz aos outros, Pedro? São coisas inocentes.

³¹ Episódio III da microssérie *A Pedra do Reino*. Via DVD.

³² SARTRIANI, Luigi M. Lombardi. *Antropologia cultural e análise da cultura subalterna*. São Paulo: Hucitec, 1986, p. 99.

³³ BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados*. São Paulo: Cortez, 1980, p.103.

Pedro Beato: Me perdoe, Dinis, mas não existe nada inocente no mundo. Você tem um pensamento escondido, isso que queima você por dentro é fogo de Deus e do Diabo.³⁴

Beltrão³⁵ sustenta que estes grupos, submetidos à repressão do governo ou das instituições que regem a ordem na sociedade, exercitam criativa capacidade de camuflar suas mensagens, ora usando linguagens sofisticadas e códigos específicos, ora imprimindo-lhes duplo sentido, ora, enfim, empregando canais e meios de difusão que escapam a vigilância normalmente exercida pela autoridade censora. Dessa forma, Quaderna contesta a cultura vigente na vila de Taperoá através dos seus gestos, da sua poesia e dos devaneios inflamados nos casos que marcaram e marcam seu sertão.

Em suma, Quaderna e outros personagens da microssérie *A Pedra do Reino*, indivíduos culturalmente marginais (também no sentido de estarem às margens do social), prenunciam a ressurreição cultural do espaço nordestino: em favor da revolução mágico-realista do povo sertanejo na memória e na narrativa nacional.

Referências

BARBERO, J. Martín; REY, Germán. *Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. São Paulo: SENAC, 2001.

BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados*. São Paulo: Cortez, 1980.

BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação: teoria e metodologia*. São Bernardo do Campo: Umesp.

BENJAMIN, Roberto. *Folkcomunicação na sociedade contemporânea*. Porto Alegre: Comissão Gaúcha de Folclore, 2004.

CANCLINI, Nestór Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: USP, 1998.

CARVALHO, Luiz Fernando. Saga nordestina: inspirada em romance de Ariano Suassuna e gravada na Paraíba, a microssérie “A pedra do reino” busca radiografar a identidade brasileira a partir de mitos do sertão e símbolos de nobreza. *Entrevista à revista Bravo*. São Paulo, n.117, 42-53, Ano 10, Maio de 2007.

LUYTEN, Joseph. *Sistemas de comunicação popular*. São Paulo: Ática, 1988.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

³⁴ Episódio III da microssérie *A Pedra do Reino*. Via DVD.

³⁵ BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados*. São Paulo: Cortez, 1980, p.103.

SARTRIANI, Luigi M. Lombardi. *Antropologia cultural e análise da cultura subalterna*. São Paulo: Hucitec, 1986.